

CADERNO DE RESUMOS

# LOTE E QUADRA, CIDADE E TERRITÓRIO

*múltiplas escalas do projeto paisagístico*



A668 Lote e quadra, cidade e território: múltiplas escalas do projeto paisagístico – Organizadores: Flavia Braga, Rubens de Andrade - Rio de Janeiro, Paisagens Híbridas, 2015.

51p.: Il.; 13,5 x 23 cm.

ISBN

1. Paisagem 2. Quadra 3. Escala projetual 4. cidade 5. Planejamento territorial I. BRAGA, Flavia II. ANDRADE, Rubens de. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Escola de Belas Artes. IV. Paisagens Híbridas V. Título.

CDD 710

#### **PROJETO EDITORIAL**

GRUPO DE PESQUISAS PAISAGENS HÍBRIDAS – EBA/UFRJ

#### **ORGANIZAÇÃO**

FLÁVIA BRAGA E RUBENS DE ANDRADE

#### **APOIO**

ANGÉLIA BRAGA, ANDRÉ COSTA E JOÃO BOECHAT

#### **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Rubens de Andrade

#### **FICHA CATALOGRÁFICA**

Nara Ferreira Oliveira

#### **REALIZAÇÃO**

ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO - UFF

GRUPO DE PESQUISAS PAISAGENS HÍBRIDAS – EBA/UFRJ



GRUPO DE PESQUISAS PAISAGENS HÍBRIDAS – EBA/UFRJ

Escola de Belas Artes

[www.paisagenshibridas.com.br](http://www.paisagenshibridas.com.br)

[paisagenshibridas@gmail.com.br](mailto:paisagenshibridas@gmail.com.br)

FLAVIA BRAGA  
RUBENS DE ANDRADE (ORG.)

CADERNO DE RESUMOS

**LOTE E  
QUADRA,  
CIDADE E  
TERRITÓRIO**

*múltiplas escalas do projeto paisagístico*

Paisagens Híbridas  
Rio de Janeiro  
1ª. Edição  
2015



# SUMÁRIO

- 9 APRESENTAÇÃO  
Lote e quadra, cidade e território: múltiplas escalas no projeto paisagístico  
**Flavia Braga e Rubens de Andrade**
- 13 MESA-REDONDA I  
O POTENCIAL PAISAGÍSTICO DO LOTE URBANO: DEMANDAS, ESTRATÉGIAS E POSSIBILIDADES DE USOS
- 14 O rio, o mar e a cidade: estudos da paisagem no curso de arquitetura e urbanismo – norte e nordeste do Brasil  
**Anna Rachel Baracho Eduardo Julianelli**
- 18 A estética da ruralidade e sua presença nas paisagens urbanas  
**Jorge Baptista de Azevedo**
- 21 MESA-REDONDA II  
RELAÇÕES ENTRE LOTE E QUADRA: CONFORTO AMBIENTAL, ESPAÇO URBANO E PAISAGEM
- 22 As relações entre forma urbana, clima local e conforto térmico no projeto de praças.  
**Virgínia Maria Nogueira de Vasconcellos**



- 25 **MESA-REDONDA III**  
RUA, PRAÇA, PARQUE E JARDINS:  
CONECTIVIDADES PAISAGÍSTICAS NA CIDADE  
CONTEMPORÂNEA
- 26 A Paisagem da cidade – sete atributos para uma estratégia  
investigativa  
**Patrícia Maya**
- 30 Mundo selvagem, mundo hostil: conexões do direito  
humano à paisagem  
**Ubiratan de Souza**
- 34 Áreas protegidas, corredores verdes, arborização urbana e  
espaços livres particulares: conexões possíveis  
**Monica Bahia Schlee**
- 37 **MESA-REDONDA IV**  
TERRITÓRIOS PAISAGÍSTICOS:  
PENSANDO PARA ALÉM DA CIDADE
- 38 O que nos contam os rios: notas para uma leitura da  
paisagem, questões para uma (re)construção ambiental  
**Náise Peixoto**
- 40 Sobre Paisagens e Periferias: o que planejamos e o que  
implantamos  
**Werther Holzer**
- 44 Múltiplas paisagens: contribuições no campo da cidade  
metrópole  
**Eloisa Araújo**
- 47 PROFESSORES

# APRESENTAÇÃO



# LOTE E QUADRA, CIDADE E TERRITÓRIO: MÚLTIPLAS ESCALAS DO PROJETO PAISAGÍSTICO

**COMO PENSAR AS RELAÇÕES** de lote e quadra e de cidade e território a partir de alternativas paisagísticas que visem à melhoria do ambiente urbano e, conseqüentemente, à qualidade de vida do homem contemporâneo? Qual o potencial real dos projetos urbano-paisagísticos, ou do chamado urbanismo ecológico (BHABHA, 2015), que idealizam desenhos de paisagens de alto desempenho em que conceitos como mobilidade, fluidez e beleza estão conjuntamente presentes? Como os conceitos de saúde ambiental, biodiversidade e sustentabilidade (MOSTAFAFI, 2013) estão associados aos projetos paisagísticos? E, ainda, como na prática projetual se apresentam a leitura e a decodificação da relação “homem-natureza” e do “equilíbrio ambiental” a partir da aplicação dos atuais princípios teóricos subordinados ao campo disciplinar do paisagismo (ou da chamada arquitetura da paisagem), considerando as mudanças de ordem ambiental que temos vivenciadas

últimas décadas, tais como a superpopulação urbana e as transições estabelecidas pelos hábitos de uma sociedade cada vez mais consumista e imediatista?

Diante de tantas indagações e inquietações, impõem-se ao cenário acadêmico alguns desafios. A complexidade intrínseca ao *modus operandi* do projeto paisagístico, na materialidade da paisagem construída, necessita lidar com as diferenças entre grandezas escalares que se interpõem às intervenções às quais, cotidianamente, o ambiente urbano é submetido. As questões acima combinam elementos em uma equação cada vez mais intrincada, em que as variáveis não são facilmente deduzidas e, por isso mesmo, solicitam a atenção daqueles que estão diretamente envolvidos na gestão do espaço urbano.

No que tange às relações entre os espaços livres e as diferentes escalas de abordagens propostas por este colóquio, deve ser considerado que cidades de pequeno, médio ou grande porte têm que lidar com a ausência de tratamento paisagístico adequado, sobretudo relacionado às diferentes escalas projetuais. As questões já conhecidas de dilapidação sistemática dos recursos naturais, que geram perdas do patrimônio vegetal, a redução dos espaços livres e a remodelação dos canais e rios devido à ocupação extensiva

e intensiva do solo urbano, são parte de um conjunto de fatores e processos que revelam problemas crônicos que contribuem para ampliar os impactos provocados no próprio ambiente urbano.

Pesquisas acadêmicas no campo do estudo da paisagem sinalizam, há décadas, que os desafios a serem enfrentados pela sociedade são de grande monta, uma vez que eles atingem diferentes instâncias da vida urbana. Face a isso, torna-se ainda mais necessária a obtenção de respostas à altura dos dilemas aos quais o homem contemporâneo e suas cidades estão expostas. Autores como Farr (2013) e Forman (2008), que se dedicam a essas questões, são enfáticos ao declarar que esses problemas – sejam na escala pontual do lote/quadra ou na macroescala inscrita à cidade e ao território- devem ser tratados de forma apropriada pois, em geral, tendem a ser percebidos de forma fragmentada. Desse modo, ações que serviriam para suprir os inconvenientes que surgem para o ambiente como um todo podem perder seu real potencial de abrangência e, assim, não atingirem resultados consistentes a médio e longo prazo. Para repensar as cidades dentro dos parâmetros de sustentabilidade e da agenda global que fulgura neste milênio, devemos enfrentar as demandas deflagradas pelas ações antrópicas de modo articulado e em multiescalas, observando questões como:

mudanças climáticas, perda parcial ou total de ecossistemas, adensamento e espraiamento da população sem limites claros e os possíveis usos urbanos em espaços anteriormente mantidos livres.

Neste sentido, o ***Colóquio Lote e quadra, cidade e território: múltiplas escalas do projeto paisagístico*** reúne um elenco de pesquisadores e professores que se ocupam em investigar e discutir as questões acima relacionadas, no interesse de articular as diversas possibilidades de abordagem analíticas, metodológicas e projetuais dentro dos recortes temáticos propostos em cada mesa-redonda, buscando, dessa forma, promover uma reflexão sobre a importância do projeto paisagístico nas atuais demandas do ambiente urbano em suas diferentes escalas.

***Flavia Braga e Rubens de Andrade***

Niterói, novembro de 2015.

MESA-REDONDA I

O POTENCIAL PAISAGÍSTICO  
DO LOTE URBANO:  
DEMANDAS, ESTRATÉGIAS E  
POSSIBILIDADES DE USOS

**Anna Rachel Baracho Eduardo Julianelli**

O rio, o mar e a cidade:  
estudos da paisagem  
no curso de arquitetura  
e urbanismo - norte e  
nordeste do Brasil

**A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS COMO** docente nos cursos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), busca-se ampliar o debate em torno da formação e da consolidação do campo disciplinar do Paisagismo. Os resultados apresentados são frutos de trabalhos desenvolvidos em paisagens e contextos distintos das regiões Norte e Nordeste do Brasil, mas que se pautaram em conceitos e metodologias similares: percepção por meio de análise serial; relação entre paisagem e identidade; estímulo à compreensão do paisagismo como importante componente da concepção do projeto; combate à fragmentação do pensamento; entendimento da escala de intervenção de modo evolutivo; fomento à integração com outros campos disciplinares e com a componente curricular do curso, entre outros. Duas experiências sintetizam tais práticas: trabalhos desenvolvidos pelos discentes da UFRN no bairro

de Ponta Negra (“cartão postal” de Natal, com praia, dunas e uma colônia de pescadores); e estudos elaborados pelos discentes da UNIFAP em trecho da orla do Rio Amazonas e o núcleo histórico de fundação da cidade. Ao ultrapassar os limites físicos da sala de aula, explorou-se a percepção por meio da apreensão dos lugares para além das características morfológicas ou de seus atributos físicos, instigando as relações de identidade com a paisagem local. Diagnósticos prévios das áreas foram elaborados visando a identificar as potencialidades e os conflitos dos limites de intervenção a fim embasar os projetos finais desenvolvidos em ateliê. Assim, mesmo que observando o caráter experimental desta proposta, os resultados auferidos demonstraram uma inicialização à compreensão integrada da paisagem e à noção de unicidade do projeto com o propósito de melhor fundamentar a requalificação dos espaços urbanos.



**LOTE E  
QUADRA,  
CIDADE E  
TERRITÓRIO**

*múltiplas escalas do projeto paisagístico*

**JORGE BAPTISTA DE AZEVEDO**

A estética da ruralidade e  
sua presença nas paisagens  
urbanas

**APRESENTAÇÃO DO ESTUDO** complementar sobre a estética da ruralidade e sua presença nas paisagens urbanas, inicialmente desenvolvido junto ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Geografia da Universidade Federal Fluminense- UFF, em 2008, realizado no estágio pós-doutoral junto ao Departamento de Filosofia da Université de Paris 8, voltado para pesquisas sobre estéticas transculturais, recém elaborado entre dezembro de 2014 à outubro de 2015, junto ao Programa de pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFF e do convênio CAPES – COFECUB. A compreensão das paisagens da ruralidade presentes nos espaços urbanos, enquanto manifestações estéticas transculturais se inicia com uma definição para o termo paisagem transcultural e objetiva ampliar e defender a sua importância sociocultural. Tais paisagens de ambiências periurbanas e mesmo urbanas são perceptíveis em diversas cidades brasileiras e, mesmo em diferentes contextualizações urbanas no mundo. Entretanto,

é mais especificamente no Rio de Janeiro e suas periferias, que estas variadas paisagens resultam de longos processos do convívio de diferenças socioculturais. As paisagens de seus quintais, jardins e espaços livres, são associadas à lugares caracterizados pela capacidade de valorização e da celebração da existência, que muito contribuiu para a capacidade de resistência do povo brasileiro face às imposições seculares de despertencimento e pobreza.

MESA-REDONDA II

RELAÇÕES ENTRE LOTE  
E QUADRA: CONFORTO  
AMBIENTAL, ESPAÇO  
URBANO E PAISAGEM

**Virgínia Maria N. de Vasconcellos**

As relações entre forma urbana, clima local e conforto térmico no projeto de praças.

**MUITAS SÃO AS RELAÇÕES** que se estabelecem no projeto dos espaços urbanos de uso público. A praça, entendida como espaço de uso coletivo e de acesso mais imediato a toda a população, surge como um recorte espacial, estruturado a partir do sítio e interdependente dos elementos da forma urbana, numa situação climática distinta. A praça constitui um elemento da forma da cidade, cujos limites aéreos e físicos são marcados pelas fachadas, pelas vias e pelas calçadas, que determinam o seu espaço livre, oficial e de uso, respectivamente. Na concepção da praça devem ser sempre contempladas, as necessidades do usuário, no que tange aos equipamentos, mobiliário, usos e atividades, à segurança e ao conforto ambiental. As variáveis climáticas variam de região para região e o projeto não pode prescindir de cuidados nesta direção. Portanto, no que tange ao conforto térmico ambiental, o projeto dos espaços livres urbanos deve buscar entender as relações que ocorrem

entre a forma urbana e o clima local. Efetivamente, a análise dos elementos da forma urbana e as variáveis climáticas locais devem trabalhar em parceria visando à identificação e à caracterização do espaço, a partir da geometria e da orientação da malha urbana, das tipologias edilícias, do uso e ocupação do solo urbano, densidade habitacional, gabarito em altura, orientação das edificações, materiais de superfície e arborização, entre outros, para garantir a qualidade e a sustentabilidade do projeto. Neste ensaio, destacam-se, não apenas a quadra onde a praça se insere, mas as quadras que abarcam seu entorno, observando sua orientação, desenho, ocupação, permeabilidade e sua interação com o clima local para a análise, proposição e manutenção do projeto visando ao conforto térmico ambiental e, conseqüentemente, ao uso, à qualidade e à sustentabilidade do ambiente construído.



MESA-REDONDA III

RUA, PRAÇA, PARQUE E  
JARDINS: CONECTIVIDADES  
PAISAGÍSTICAS NA CIDADE  
CONTEMPORÂNEA

**Patrícia Maya**

A Paisagem da cidade –  
sete atributos para uma  
estratégia investigativa

**HOJE, O PLANEJAMENTO E PROJETO** da paisagem encontram grandes desafios, diante das prementes questões ambientais e sociais. Consideramos que para o desenvolvimento de propostas paisagísticas que sejam adequadas e potencialmente relevantes para a cidade, é preciso se ultrapasse uma visão sistêmica do espaço (social) da cidade ou dos processos naturais que ali ocorrem; e então perceber e incorporar a complexidade das articulações diversas entre natureza e cultura. Sabemos que a resiliência dos ambientes tem limites e que a história e a memória não remetem a um passado estanque, mas sim que a ele nos voltamos para entender o presente. Portanto, para repensarmos espaços existentes ou novos é preciso que investiguemos os valores e significados destes espaços, como estes mudam ou podem mudar e o que nos dizem as apropriações espaciais que ali surgem. Organizamos aqui nossas reflexões sobre a paisagem e sobre os espaços livres

públicos na cidade a partir de sete atributos, que são critérios de análise, a saber: (1) contextualidade, (2) conectividade, (3) afinidade, (4) territorialidade, (5) proporcionalidade, (6) representatividade e (7) sustentabilidade. Estes nos dizem sobre a qualidade da paisagem urbana, através do contexto e suas ampliações, da história, da memória, das representações, da artesanania, da natureza original, dos processos e dinâmicas naturais e urbanos, dos usos e apropriações dos espaços. Neste trabalho, investigamos, em situações e projetos exemplares, como espaços livres públicos resilientes na cidade e soluções projetuais vêm apresentando estes atributos.

**LOTE E  
QUADRA,  
CIDADE E  
TERRITÓRIO**

*múltiplas escalas do projeto paisagístico*

**Ubiratan de Souza**

Mundo selvagem, mundo  
hostil: conexões do direito  
humano à paisagem

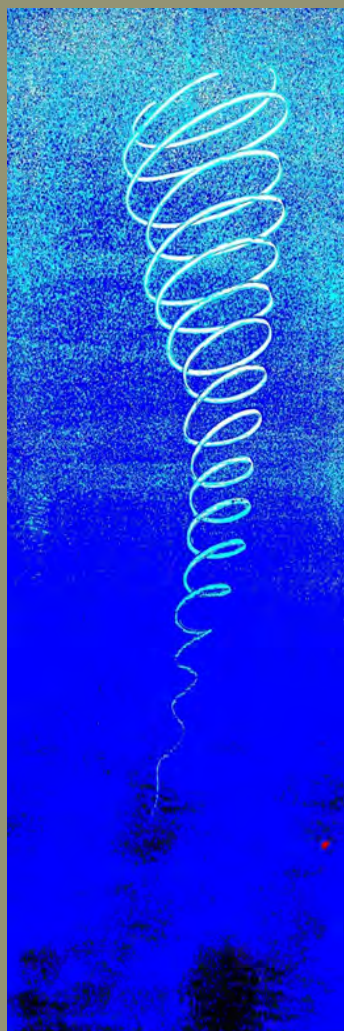
**A ESPÉCIE HUMANA PRODUZ** um mundo desumano. São formas de violência perpetradas contra nós mesmos nos assentamentos que criamos e que nos fazem sentir partes extirpadas das paisagens onde vivemos e por onde vagamos. As cidades, “mundos hostis”, exigem muito mais esforços de milhões de pessoas para se adaptarem às condições sociais e ambientais adversas. As nossas cidades exigem de nós mais do que exigiram dos nossos ancestrais o “mundo selvagem”; este mundo que nos fizeram acreditar como cruel, desde a infância. As intempéries e as feras contemporâneas são mais perversas e implacáveis. As áreas urbanas, fenômeno intenso e avassalador do processo de evolução dos assentos humanos, expressam tais aberrações. As condições de vida de imensos contingentes populacionais urbanos e rurais no Brasil são exemplares. Será necessário adentrarmos os rincões rurais ou as comunidades pobres urbanas para atestarmos esta lastimável e desoladora realidade? Não!

As paisagens urbanas, em escalas e níveis de complexidade distintos, expõem os processos de desumanização dos ambientes antrópicos. A apropriação dos espaços públicos nas áreas urbanas pela população, de forma indiscriminada, não restritiva, não segregadora, deve ser fator germinal dos processos de concepção, projeção e construção desses ambientes. Prover espaços públicos que potencializem as diversas formas e múltiplos modos de fruição pelo indivíduo e pelos coletivos sociais implica em prover as paisagens de atributos adequados aos diversos sentidos humanos. Seja a visão, a audição, o tato, o olfato, o paladar que nos permita saborear e recriar as vias públicas, as praças, os parques, os jardins, como dimensões do território. Refletir sobre o direito humano à paisagem como dimensão do direito à cidade – pressuposto do direito ao ambiente saudável –, implica reconhecer as paisagens construídas por nós com seios que acolham, acalentam e alimentam as utopias humanas.



**LOTE E  
QUADRA,  
CIDADE E  
TERRITORIO**

*múltiplas escalas do projeto paisagístico*



**Monica Bahia Schlee**

Áreas protegidas,  
corredores verdes,  
arborização urbana e  
espaços livres particulares:  
conexões possíveis.

**NO VERÃO DO RIO DE JANEIRO A SENSÇÃO** térmica pode chegar aos 50°C. Em um dia como esse, os cariocas que andam pelas calçadas ou trafegam pelas ruas da cidade “caçando” as sombras das árvores sentem a falta que elas fazem. A vegetação nativa constitui-se como uma componente fundamental na conservação da resiliência da paisagem, principalmente nas cidades que ainda possuem uma parte significativa do seu território coberto por florestas e outros ambientes naturais. Esta contribuição discute o papel da vegetação urbana, principalmente a nativa, na aplicação do conceito de resiliência da paisagem e sua influência na manutenção da capacidade adaptativa e regenerativa da paisagem e no desenvolvimento urbano sustentável na cidade do Rio de Janeiro. Propõe-se a reorganização da configuração espacial urbana, através da conectividade, da adaptação e da multifuncionalidade como estratégias de planejamento e projeto, de forma a fortalecer

a capacidade de resiliência da paisagem. Diferentes combinações de espaços livres, de caráter público ou privado, quando próximos e conectados espacialmente, podem complementar-se para servir (literalmente) de caminho, de forma a enriquecer a biodiversidade e incentivar a permeabilidade e a regeneração da paisagem, desde que sua distribuição e arranjo espacial sejam planejados para isso. Os rios e as ruas desempenham múltiplas funções em termos ambientais e urbanísticos; tanto eles quanto os espaços livres privados, podem ser planejados e desenhados para ampliar o escopo de suas atuais funções urbanas, de forma a estimular a conservação da resiliência e garantir a sustentabilidade da paisagem carioca.

MESA-REDONDA IV

TERRITÓRIOS

PAISAGÍSTICOS: PENSANDO

PARA ALÉM DA CIDADE

**Naíse Peixoto**

O que nos contam os rios:  
notas para uma leitura  
da paisagem, questões  
para uma (re)construção  
ambiental

**QUE PASSAGENS (E PAISAGENS)** marcam a evolução dos rios? Como ocorreram? De que modo estruturam o seu comportamento atual? Como podemos desvendá-las e o que nos apontam para pensar o presente e projetar o futuro? Trazemos aqui para reflexão uma estrutura de análise da dinâmica evolutiva dos rios no Sudeste brasileiro, com a intenção de destacar sua importância para o reconhecimento de incertezas, o questionamento e a busca de novos caminhos de ação, e contribuir para a multiplicidade de leituras das paisagens rurais e urbanas. Nesta estrutura, uma abordagem multiescalar, que tem como base a compreensão da dinâmica dos sistemas fluviais a partir das relações entre suas formas, materiais, processos e funções locais, permite-nos estabelecer conexões com as transformações no uso dos solos e a criação de condições (e lugares) de vulnerabilidade e risco ambiental nas bacias hidrográficas, e assim sobre o necessário diálogo em torno de cenários, práticas e percursos em direção a uma (re)construção ambiental.

**Werther Holzer**

Sobre paisagens e  
periferias: o que planejamos  
e o que implantamos



**O QUE PRETENDO DISCUTIR SÃO** as intenções e as consequências de uma cultura de planejamento voltada para a otimização de recursos e de densidades em áreas mais centrais da cidade, orientadas pela lógica da localização, num momento em que a questão urbana extrapola, literalmente, todos os limites e paradigmas impostos pelo Modernismo. O foco central se volta para a urbanização dispersa nas franjas periféricas da cidade, com ênfase nas profundas modificações impostas à paisagem a partir da imageabilidade, seja dos agentes que planejam e estruturam esses novos empreendimentos, entre eles os profissionais da arquitetura e do urbanismo, seja dos consumidores desses parcelamentos apresentados em uma gama bastante ampla de formatos, implicando em deslocalizações que se consolidam como novas formas de paisageidade e de lugarização. Apresentarei estudos de caso a partir dos quais pode se acompanhar a transição de uma paisagem com

características rurais e atividades baseadas em seu valor de uso, para uma paisagem ocupada por assentamentos de baixa densidade que se espalham indiscriminadamente por um território extenso, onde áreas rurais, de proteção ambiental e, até, parcelamentos antigos voltados para as atividades de turismo de segunda residência, são agenciados a partir de uma concepção onde a paisagem tem um papel importante na valorização de empreendimentos e, também, de bairros e de municípios.

**LOTE E  
QUADRA,  
CIDADE E  
TERRITÓRIO**

*múltiplas escalas do projeto paisagístico*

Eloisa Araújo

Múltiplas paisagens:  
contribuições no campo  
da cidade metrópole

**TERRITÓRIOS PAISAGÍSTICOS PARA** além da cidade podem ser entendidos numa perspectiva onde o desenho da paisagem dos espaços públicos ou de uso comum possam revelar uma preocupação com projetos de parques, praças e arborização urbana, e ambientes de convivência na metrópole contemporânea. Parte dessa reflexão é oriunda do ambiente de pesquisa do Laboratório do Lugar e da Paisagem – Lupa, a partir de pesquisas no âmbito da iniciação científica e mestrado. Na década de 1970 os movimentos ecologistas ganharam força e visibilidade, colocando a preservação ambiental numa perspectiva mais ampla. Nesse momento amplia-se o conteúdo do projeto paisagístico, em uma dimensão ambiental da cidade, correlacionando o meio natural e o meio artificializado, produzido pelo homem, de forma a internalizar o aspecto estético, com um conteúdo de práticas sustentáveis. A ideia de recuperar áreas consideradas degradadas, ou ainda, trabalhos que

tenham contribuído para a regeneração de ambientes ganha expressão. Conflitos de natureza urbanística, como a convivência com ocupações irregulares, somam-se a presença de áreas verdes, ciclovias e remoção de habitações irregulares, mobiliários e equipamentos, acessibilidade, entre outros. Onde o grau de exigências por realizar um programa de necessidades vem por requerer, minimamente um caráter interdisciplinar, pressupondo um diálogo com o arcabouço legal/institucional das cidades, além de variações quanto à temática das mudanças climáticas. A discussão que ora encaminhamos deve possibilitar a indicação de uma agenda urbana propositiva, que leve em consideração, a valorização de um paisagismo conectado com o ambiente e com as demandas sociais, convergindo para um tratamento transescalar e multidisciplinar.

# PROFESSORES

**Adriana Mattos de Caúla e Silva** | Professora Adjunta da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (EAU/UFF), Doutora pela Universidade Federal da Bahia PPG, Pós-doutora pelo PPG-AU/UFF.

**Anna Rachel Baracho Eduardo Julianelli** | Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com estágio na Université de La Rochelle/França. Professora do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF).

**Eloisa Carvalho de Araujo** | Arquiteta e Urbanista pelo Instituto Metodista Bennett, Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutorado em Urbanismo pela UFRJ/FAU/PROURB. Atualmente é professora do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFF e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU/UFF.

**Flavia Braga** | Arquiteta e Urbanista, Paisagista, Mestre em Arquitetura (PROARQ-FAU/UFRJ), Doutora em Urbanismo (PROURB-FAU/UFRJ), Professora Adjunta da Escola de Arquitetura e Urbanismo- EAU/UFF.

**Jorge Baptista de Azevedo** | Arquiteto e Urbanista, mestre em Educação pela Escola de Educação e doutor em Geografia. Docente da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense.

**Jeanne Trindade** | Arquiteta e Urbanista, especialista em Planejamento Ambiental e Paisagístico, Mestre em Arquitetura e Doutora em Urbanismo. É arquiteta da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e professora da Universidade Estácio de Sá.

**Louise Lomardo** | Arquiteta e Urbanista, Mestre em Engenharia Nuclear e Planejamento Energético pela UFRJ e doutora em Planejamento Energético pela mesma instituição. Pesquisadora e Professora Associada dos cursos da graduação e mestrado da Escola de Arquitetura e Urbanismo e pesquisadora do IVIG/COPPE/UFRJ.

**Maria Elisa Feghali** | Arquitera e Urbanista e Prof. Adjunta da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorado em Urbanismo- PROURB/UFRJ), e mestrado em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/ UFRJ).



**Mônica Bahia Schlle** | Arquiteta e Urbanista da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Doutora em Arquitetura na Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestre em Arquitetura da Paisagem pela Pennsylvania State University, onde recebeu o *Creative Achievement in Landscape Architecture Award - Pennsylvania State University* e o *ASLA - American Association of Landscape Architects Merit Award for Excellence in the Study of Landscape*.

**Naíse de O. Peixoto** | Geógrafa e Professora do Instituto de Geociências do Departamento de Geografia, vinculada ao Núcleo de Estudos do Quaternário & Tecnógeno. Mestre e Doutora na área de Planejamento e Gestão Ambiental do Programa de Pós-graduação em Geografia no IGEO/UFRJ.

**Noemia de O. Figueiredo** | Arquiteta e Urbanista, Mestrado em Arquitetura e doutorado em urbanismo. Professora Adjunta da Universidade Rural do Rio de Janeiro. Áreas de interesse: integração e revitalização de áreas verdes no tecido urbano com ênfase em Preservação do Patrimônio Natural. Temas: áreas protegidas, lazer, equipamentos, ambiência e turismo.

**Patricia Maya** | Arquiteta e Urbanista e Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente participa do grupo de pesquisa Projetos Urbanos e Cidade, da UFRJ. Tem experiência na área de

Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: Paisagem Urbana, Projeto e Espaço Público.

**Rubens de Andrade** | Paisagista e Professor Adjunto da Escola de Belas Artes- EBA/UFRJ. Mestre em Arquitetura PROARQ-FAU/UFRJ, Doutor em Planejamento Urbano pelo IPPUR/UFRJ e Coordenador do Grupo de Pesquisas Paisagens Híbridas EBA/UFRJ.

**Ubiratan de Souza** | Arquiteto e Urbanista e Professor adjunto do Departamento de Projeto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e doutor em Arquitetura pela UFRJ. Desenvolve projetos e pesquisas na área de Arquitetura e Urbanismo, nos seguintes temas: Habitação de Interesse Social, Equipamentos Urbanos, Regularização Fundiária e Urbanística, Políticas Públicas.

**Vera Tângari** | Arquiteta e Urbanista, Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UFRJ. Docente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura-PROARQ-FAU-UFRJ e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Sistema de Espaços Livres – SEL-RJ.

**Virgínia Maria Nogueira de Vasconcellos** | Arquiteta e Urbanista e Professora Adjunta da Escola de Belas Artes/UFRJ. Docente Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ-FAU-UFRJ e Docente do Corpo Permanente do Mestrado

# LOTE E QUADRA, CIDADE E TERRITÓRIO

*múltiplas escalas do projeto paisagístico*

Profissional do mesmo Programa; Docente do Corpo Permanente do Curso de Graduação em Composição Paisagística, da Escola de Belas Artes- UFRJ. Doutora em Arquitetura, pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura- PROARQ-FAU-UFRJ.

**Werther Holzer** | Arquiteto e Urbanista, e Professor Associado da Universidade Federal Fluminense. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo.